

Políticos acham que foi feito um aviso ao FMI

Luiz Artur Toribio,
enviado especial

Nova Iorque Ou muda o Fundo Monetário Internacional ou o Brasil rompe com as regras dos credores, arrastando os demais países da América Latina. Esta foi a impressão que ficou do pronunciamento feito ontem pelo presidente José Sarney, na abertura da 40ª Assembleia da ONU, para a delegação parlamentar brasileira que está aqui em New York City. A maioria achou que, a partir de agora, o caminho é sem volta. "Esta traçada a rota brasileira para o pagamento da dívida externa", disse o líder do PMDB na Câmara, deputado Pimenta da Veiga. "Está se rompendo com os costumes primeiros", afirmou o deputado Gastone Righi, líder do PTB. Para o senador Carlos Chiarelli, líder do PFL no Senado, estão lançadas as regras do jogo: "A posição do presidente foi precisa e preciosa. Lançou um caminho, o único que cabe, sem idéia de retorno". A deputada Ruth Escobar, portuguesa de nascimento, disse que se sentiu um pouco mais "brasileira, latino-americana".

Os parlamentares brasileiros, vários da oposição, assistiram numa galeria especial na parte de trás do plenário, atrás das bancadas das delegações, o discurso. Nenhum deles tinha conhecimento prévio do texto, que só foi distribuído em português minutos antes. Acompanharam atentamente e no final aplaudiram entusiasticamente de forma emocionada. Foi um momento raro e único na política brasileira. Eis agora algumas opiniões.

Rota brasileira

"Foi um discurso muito adequado e que honrou o Brasil. O presidente Sarney disse o que os brasileiros gostariam que ele tivesse dito. O presidente foi extremamente afirmativo. Ele mencionou as nossas dificuldades, os salários baixos, o desemprego e reafirmou que mais pagará a dívida com recessão e a fome. Ele sustentou que o absurdo não se sustenta e que a solução para a questão econômica que maltrata o Brasil e muitos outros países latino-americanos e de outras partes do mundo é uma ação conjunta entre credores e devedores. Nunca uma ação prepotente ou unilateral. Eu imagino que o presidente não poderia ter sido mais claro e firmado um compromisso mais inequívoco. Está traçada definitivamente a rota brasileira na questão da dívida externa", (deputado Pimenta da Veiga, líder do governo na Câmara dos Deputados).

Regras do jogo

"A impressão que ficou na ONU foi muito boa. Não só a minha, mas a de todo auditório presente. Foi mais do que boa. Foi entusiástica. A tal ponto que o presidente José Sarney foi interrompido pelos aplausos unânimes das delegações presentes e ao final foi tão aplaudido, que por três vezes teve que levantar-se para agradecer a manifestação de toda a plateia. O discurso abrangeu diversos problemas com magnitude. Quanto à questão da dívida externa, o presidente fez uma denúncia que precisava ser feita, mesmo porque ele está na proposta de Tancredo Neves: dívida não pode ser paga com a miséria, com a fome, com a recessão. E isto é tão linear que ao ser afirmado não rompe com coisa alguma. Estão se rompendo é com o antigo costume de se esmagar os mais fracos e mais pobres em favor de povos mais ricos". (deputado



Pimenta da Veiga disse que Sarney definiu como tratará a dívida

Força à economia privada

Dos enviados especiais

Nova Iorque — O presidente José Sarney afirmou ontem pela manhã, durante seu encontro com os editores dos principais jornais e revistas norte-americanos, que "a iniciativa privada será o carro-chefe na retomada do desenvolvimento econômico brasileiro". Lembrou que o período autoritário na vida brasileira permitiu que ocorresse uma grande expansão das empresas estatais.

O presidente da República revelou que atualmente mais de sessenta por cento da economia está em mãos das empresas estatais. Mas, acrescentou, não podemos fazer a desestatização do dia para a noite. Reafirmou que o crescimento econômico será realizado por intermédio de um esforço da iniciativa privada. A liberdade econômica

corresponde à liberdade política" — acrescentou.

O presidente disse também que a fórmula ortodoxa utilizada pelo Fundo Monetário Internacional não tem dado os resultados esperados. E, a partir de uma pergunta, utilizou o exemplo do México para demonstrar que o Brasil não poderá seguir pelo receituário recessionista proposto pelo FMI. E lembrou que o salário mínimo no Brasil está na ordem de cinquenta dólares, o que em Nova Iorque se gasta com uma refeição apenas razoável.

Sarney, disse, ainda, que a saída do ex-ministro Francisco Dorneles de seu governo não significa uma modificação na linha econômica. O presidente revelou que decidiu assumir pessoalmente o comando da economia e centralizar as decisões na sua pessoa.

Gastone Righi, líder no PTB na Câmara dos Deputados).

Luz do Continente

"Foi um pronunciamento de um grande estadista, um estadista continental de toda a América Latina. Foi um pronunciamento poético, contundente, afirmativo e acima de tudo otimista. O impressionante é que sabemos que não é normal aplausos no meio do discurso. Não foi um aplauso de cortesia. Foi um aplauso sentido, afirmativo, de solidariedade. Hoje eu me senti mais brasileira, mais latino-americana e mais comovida. Quanto à questão da dívida, o presidente deixou bem definido o caminho brasileiro. Mas ele lançou uma luz

para os demais países do continente. Por trás desse pronunciamento ele tem todo respaldo, todo apoio e toda solidariedade do povo brasileiro. (Deputada Ruth Escobar, presidente da Comissão dos Direitos da Mulher).

"O presidente Sarney manifestou de forma precisa o pensamento de toda a Nação brasileira. Teve coragem de fazer todas as abordagens a começar com uma homenagem justa ao povo mexicano. Tratou em primeiro lugar do problema da América Latina, salientou, a transição por que passam os países da América Latina, deixou nossa posição clara em relação à Contadora, à África do Sul e à Namíbia, e

dedicou grande parte do seu pronunciamento à questão da dívida externa, com ênfase para os países do Terceiro Mundo e da América Latina. Não há como fazer o pagamento da dívida com a miséria porque o débito dessa conta será a democracia. A repercussão causada no mundo foi muito grande, isso foi demonstrado através dos aplausos dos delegados. Esse tipo de interrupção é caso raro na ONU. Além disso, ele foi magnificamente aplaudido no final, (senador Jorge Bounrhausen, presidente do PFL).

Regras do jogo

"A posição do presidente foi precisa e preciosa. O presidente lançou um caminho, o único que cabia, sem idéia de retorno, ainda que tenha feito da maneira democrática mais vigorosa. Não temos idéia, nem propósito de pagar a dívida nos termos da alienação do nosso patrimônio social. O presidente lembrou que nós sempre pagamos nossos compromissos e escolheu o fórum das Nações Unidas para dizer que nós não vamos tergiversar, que nós vamos pagar no limite da nossa soberania, da nossa autonomia, sem sacrifícios do povo. E preciso que as grandes nações do Mundo entendam que se não aceitarem esse diálogo nesses termos, estarão colocando em risco, não apenas o seu crédito, que para eles talvez seja muito, mas a própria capacidade de manutenção de liberdade e democracia do Mundo Ocidental. Quando disse que eles poderiam estar riscando um fósforo perto de um barril de pólvora, lembrava a possibilidade terrível e trágica de uma convulsão, aos credores que não tiverem a sensibilidade para mudarem neste momento em que o Brasil convoca para esta mudança, (senador Carlos Chiarelli, líder do PFL no Senado).

"Foi um discurso muito afirmativo e muito bem recebido pelos países pobres. Uma mensagem que terá muita repercussão internacional. Um discurso muito bem feito na fórmula. Ele teve um toque humanista muito importante, quebrando a fórmula dos discursos formais. Foi oportuno. O presidente falou em nome de todas as nações submetidas a essa ordem injusta. Não tive a impressão de que o presidente tenha rompido com o FMI neste pronunciamento. Achei muito importante o fato do presidente deixar bem claro que a ordem democrática, a paz social, e a liberdade em grande parte do Mundo passa a depender em grande parte dos grandes e dos poderosos (deputado Prisco Vianna, líder do PDS na Câmara dos Deputados).

Sem igual

"Tenho tido a oportunidade de assistir a vários pronunciamentos aqui na ONU, pois tenho participado como observador várias vezes. Mas só excepcionalmente tenho visto discursos serem interrompidos com aplausos. Esse fato é altamente dignificante. O presidente tocou em pontos que interessavam à grande maioria das Nações presentes. Disse o que todos nós sabemos e sentimos no Brasil. O Brasil não pode acabar com todas as perspectivas de progresso e de futuro em função do pagamento da sua dívida. Acho que mais do que os devedores são os credores os responsáveis pelo alto índice de endividamento dos países da América Latina.

(A íntegra do discurso do presidente José Sarney está na Página 4)